UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

MÃES NARCISISTAS: A Quebra Do Ideal Materno

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2022

ARLENE SOBREIRA LUCAS

MÃES NARCISISTAS: A Quebra Do Ideal Materno

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof^ª. Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2022

ARLENE SOBREIRA LUCAS

MÃES NARCISISTAS: A Quebra Do Ideal Materno

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação:06/12/2022

BANCA EXAMINADORA

Orientador:Prof (a). Esp. Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva

Membro: Prof (a). Esp. Bruna Gomes Dantas / UNILEÃO

Membro: Prof (a). Dra. Emília Suitberta de Oliveira Trigueiro / UNILEÃO

JUAZEIRO DO NORTE - CE

2022

MÃES NARCISISTAS: A QUEBRA DO IDEAL MATERNO

Arlene Sobreira Lucas¹

Nadya Ravella Siebra de Brito Saraiva²

Resumo

Esta pesquisa resulta em revelar como é conviver com uma mãe narcisista e ter sua vida moldada conforme o desejo dela, destacou que maternidade (como o amor incondicional, e o instinto materno) são produções propagadas no fim do século XVII, criação de diversos interesses sociais e culturais. Perpassando a histórica do narcisismo, discorrendo a falar sobre a mãe ideal, enfatizando o narcisismo materno e segue desenvolvendo o pensamento em torno das bases teóricas que explicam estes conceitos. Descrevendo como as mulheres não são mães instintivamente, e que nem sempre são boas e amam seus filhos. Buscando investigar, possíveis impactos na vida dos filhos de mãe narcisista, considerando a grande influência desta relação mãe-bebê no desenvolvimento psíquico, do ego, na construção do sujeito dos seres humanos. A pesquisa foi realizada por meio de artigos, dissertações, com leitura dos textos “Introdução ao narcisismo” e “Ego e o Id” de Sigmund Freud, do “Estádio do espelho como formador do eu” de Jacques Lacan, “Filhas de mães narcisistas – conhecimento cura” da Michele Engelke, “O ambiente e os processos de maturação” do D. W. Winnicott e do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5). Através destas leituras foi possível compreender que o amor parental é um mito, que nem toda mãe ama incondicionalmente ou é suficientemente boa, e que sim, os filhos podem sofrer diversos danos no convívio com uma mãe narcisista.

Palavras-chave: Ideal materno. Narcisismo. Mãe narcisista, Transtorno de personalidade narcisista.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: arlennysbr27@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: nadyabrito@leaosampaio.edu.br

Abstract

This research results in revealing how it is to live with a narcissistic mother and have your life shaped according to her wishes ,highlighted that motherhood (such as unconditional love, and the maternal instinct) are productions propagated at the end of the seventeenth century, creation of various social and cultural interests. Going through the history of narcissism, discussing the ideal mother , emphasizing maternal narcissism and goes on to develop the thought around the theoretical bases that explain these concepts. Describing how women are not instinctively mothers, and that they are not always good and love their children. Seeking to investigate possible impacts on the lives of the children of narcissistic mothers, considering the great influence of this mother-baby relationship on the psychic development of the ego, in the construction of the subject of human beings. The research was carried out through articles, dissertations, with reading of the texts "Introduction to Narcissism" and "Ego and the Id" by Sigmund Freud, the "Mirror Stadium as the I-former" by Jacques Lacan, "Children of narcissistic mothers - healing knowledge" by Michele Engelke, "The environment and the maturation processes" by D. W. Winnicott and the Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5). Through these readings it was possible to understand that parental love is a myth, that not every mother loves unconditionally or is good enough, and that yes, children can suffer several damages when living with a narcissistic mother.

Keywords: Maternal ideal. Narcissism. Narcissistic mother.

1 INTRODUÇÃO

A presente pesquisa busca apresentar características de mães com transtorno de personalidade narcisista, discorre ainda a investigar como é o comportamento dessa mãe dentro do contexto familiar, fazendo algumas pontuações a respeito de como agem na relação com os filhos, como também apresentar possíveis danos que essa relação poderá ocasionar na vida dos filhos. Para tanto, inicialmente apresentando o conceito de narcisismo e seu surgimento, em seguida conceituando o narcisismo enquanto transtorno, perpassando o que seria a mãe ideal socialmente idealizada, dando maior ênfase nas peculiaridades do narcisismo materno. Em seguida, descrevendo como o transtorno de personalidade narcisista se apresenta em mães; com isso destacar os possíveis prejuízos que essas mães podem ocasionar no psicológico dos filhos.

Segundo o Manual Diagnóstico Estatístico (Apa, 2014), o transtorno de personalidade narcisista é um padrão de grandiosidade que o sujeito tem de si mesmo e sente a necessidade de admiração do outro, além de não possuir nenhuma empatia pelo próximo. Narcisistas são pessoas que tem uma disfuncionalidade na sua autopercepção, são muito arrogantes e acreditam ser melhor que as outras pessoas e que todos devem servi-lo por ser o melhor e mais inteligente, possui também visão negativa do outro. Assim, o narcisista sempre se coloca em primeiro lugar, acreditando ser o melhor e digno de respeito e admiração.

Apesar do narcisismo ser um termo bastante discutido, o narcisismo materno acaba não sendo muito abordado, além de ser pouco pesquisado no meio acadêmico, e de difícil aceitação e compreensão, pois o conceito de mãe está enraizado a uma construção histórica na qual a mãe é um ser sagrado, uma mulher perfeita, dotada de um amor incondicional por seus filhos. Entretanto são muitos os casos onde essa não é a realidade e muitas mães não possuem empatia por seus filhos, o que gera muita dor e sofrimento nos filhos e infelizmente são invalidados pela a sociedade que associa a mãe naturalmente ao amor incondicional.

A escolha do tema partiu do interesse em aprofundar mais os estudos sobre o assunto do narcisismo, especialmente no papel de mãe, a partir de algumas leituras realizadas ao longo da graduação, como também, acreditar que o tema seja de muita relevância e tenha muito a acrescentar aos estudantes e profissionais da área, por ainda se tratar de um tema muito pouco discutido, como também uma possível forma de ajudar pessoas que se reconheçam nesse lugar.

O objetivo geral é apresentar como é o relacionamento entre as mães com transtorno de personalidade narcisista com as(os) filhas(os); No objetivo específico, dissertar sobre o transtorno de personalidade narcisista; Debater sobre o ideal materno, relatar como o transtorno de personalidade narcisista se apresenta em mães; expor os possíveis prejuízos que essas mães podem ocasionar no psicológico dos filhos.

Com base nisso vê-se a necessidade de dar importância à sensibilização do assunto, pois esta invisibilidade possibilita a continuação dos maus tratos ao filho, mesmo em idade adulta. Sendo assim, a presente pesquisa parte do seguinte problema de pesquisa: Porque as mães com transtorno de personalidade narcisista fogem do ideal materno?

2 METODOLOGIA

Na elaboração da metodologia deste projeto foram utilizados procedimentos técnicos por meio de consultas e pesquisa bibliográfica em artigos científicos nas plataformas Google e Scielo, usando as palavras chaves: Mães, mães narcisistas, transtorno de personalidade narcisista. A revisão de literatura é apenas um pré-requisito para a realização de toda e qualquer pesquisa, ao passo que a pesquisa bibliográfica é uma etapa fundamental antes da elaboração ou desenvolvimento de um estudo, artigo, tese ou dissertação. Essa etapa não pode ser aleatória, por esse motivo ela implica em um conjunto ordenado de procedimentos de busca por soluções atentos ao objeto de estudo (LIMA; MIOTO, 2007).

Entende-se por pesquisa bibliográfica a revisão da literatura sobre as principais teorias que norteiam o trabalho científico. Essa revisão é o que chamamos de levantamento bibliográfico ou revisão bibliográfica, a qual pode ser realizada em livros, periódicos, artigos de jornais, sites da Internet entre outras fontes. Conforme esclarece Boccato (2006, p. 266)

Dessa forma, optamos como método de análise a revisão sistemática sobre a literatura da psicologia e psicanálise, no qual a pesquisa bibliográfica está alicerçada a partir das obras de Sigmund Freud e outros autores psicanalíticos, dando ênfase nos conceitos de Donald Wood Winnicott e Jacques Lacan.e outros.

Igualmente, para a elaboração da pesquisa foram utilizados busca de dados nas plataformas Scholar Google e Scie-lo Br e consulta ao DSM-5. Para aquisição do material foram utilizadas as seguintes palavras chaves: Narcisismo, ideal materno, mães narcisistas. E foram selecionados usando os critérios de inclusão pré-definidos: englobar o tema geral sobre o Narcisismo com a Específica sobre o Narcisismo Materno.

Após a seleção do material, as informações de cada artigo científico foram filtradas com a finalidade de obter dados mais relacionados à temática central. Por fim, somam-se a esse estudo as seguintes palavras chaves: Narcisismo; ideal materno; mães narcisistas.

3 NARCISISMO

Inicialmente, é válido resgatar alguns aspectos históricos que se referem a essa temática. Narcisismo vindo da cultura grega significa o amor que o indivíduo sente por si mesmo. Em 1898, o mito de Narciso foi utilizado por Havelock Ellis, médico e psicólogo inglês que estuda a sexualidade humana, na busca por explicar o comportamento de mulheres que se admiravam diante do próprio reflexo no espelho. O psiquiatra e criminologista Paul Adolf Näcke em 1899, utilizou-se da palavra “narcisismo” para descrever a perversão sexual das pessoas que tratavam o próprio corpo como um objeto sexual, com automasturbação e também a homossexualidade.

Somente no ano de 1914, o termo narcisismo entrou para o discurso psicanalítico quando Sigmund Freud (1856-1939) considerou o narcisismo como sendo um elemento constitutivo do amor-próprio e da autoestima, destinando à uma autopreservação do sujeito e fundamental na formação de laços sociais. A partir de então o termo Narcisismo passou a ser muito conhecido em seu caráter patológico e a partir dos estudos das estruturas psicológicas: neurose, perversão e psicose. Freud dividiu o narcisismo como sendo, "Narcisismo primário e secundário".

Superficialmente aqui falando o "narcisismo primário" é considerado necessário e natural no desenvolvimento do ser humano, considerado um precoce estado da formação do Ego, onde a libido é voltada para si. Para a psicanálise o narcisismo é um elemento fundamental para a construção da identidade, e está relacionado com o desenvolvimento da libido, como na forma que o indivíduo se vê para o mundo. É um processo que acontece muito cedo, quando o indivíduo ainda é um bebê e começa a receber informações sobre si mesmo a partir da visão daqueles que o cercam e principalmente de seus pais que possuem um olhar de admiração e cheio de expectativas para a vida desse bebê (ULLRICH;ROCHA,2019)

Quando a libido deixa de ser concentrada somente em si e passa a ser voltada aos objetos externos, pode ocorrer neste momento o chamado "narcisismo secundário". Como fase do desenvolvimento do ego, a libido e o “Eu” sofrem uma introversão, a pessoa passa a perceber que existe um mundo e outras pessoas além de si mesma. E assim, a libido deixa de ser concentrada apenas em si e agora passa então a ser voltada também aos objetos externos. Os pais passam a ser utilizados pela criança como sendo instrumentos de satisfação do próprio narcisismo e vice-versa e nesse momento é que surge a semente do narcisismo patológico.

O narcisismo pode ser convertido em um quadro patológico, quando esse for excessivo e descontrolado, alterando, a forma e as condutas dos indivíduos diante das questões éticas e culturais, e quando prejudica seu relacionamento interpessoal. Partindo disso, Freud elabora a seguinte questão:

[...] de onde vem mesmo a necessidade que tem a psique de ultrapassar as fronteiras do narcisismo e pôr a libido em objetos? A resposta derivada de nosso curso de pensamento seria, mais uma vez, que tal necessidade surge quando o investimento do Eu com libido superou uma determinada medida. Um forte egoísmo protege contra o adoecimento, mas afinal é preciso começar a amar, para não adoecer, e é inevitável adoecer, quando, devido à frustração, não se pode amar (FREUD, 2010, p. 20).

Com o aprofundamento do estudo do conceito até à atualidade, outros especialistas dessa mesma área foram bastante importantes para evoluir o estudo e desenvolvimento do conceito até aos dias de hoje. Entre eles é relevante referir Melanie Klein e a escola Kleiniana; Alexander Lowen; Donald Winnicott; Jean Bergeret; entre outros importantes nomes. Apesar das descrições de narcisismo e dos seus vários subtipos, de forma resumida, o termo diz respeito principalmente ao egocentrismo e vaidade considerado essencial para um desenvolvimento equilibrado do sujeito, relacionado com a autoconfiança e a segurança. Quando estes comportamentos aparecem de uma forma mais centrados no enaltecimento do próprio “eu” são consistentes e vinculados, podem diminuir a autoestima.

Com base em certas descrições do termo, qualquer sujeito poderá ter tido algum desses comportamentos narcísicos em algum momento da sua vida. Porém, é importante diferenciar um comportamento narcísico de um narcisismo patológico (Ni, 2019). Se começar a surgir problemas significativos para o próprio sujeito ou para os que com ele convive, pode-se estar perante um caso de perturbação de personalidade, neste caso, narcísica (PPN) (Silva, 2019). Para Lacan, o narcisismo primário começa na fase do espelho, que é onde a criança se relaciona como o olhar do outro, a fase do espelho seria então a responsável pelo processo de constituição do sujeito.

Para Freud, "tudo o que uma pessoa possui ou realiza, todo remanescente de sentimento prematuro de onipotência que sua experiência tenha confirmado, ajuda-a a aumentar a sua autoestima" (1914/197). Para ele, também vai aumentar quando se é amado.

Porém se acontecer do indivíduo não conseguir se realizar esse tende a fazer grandes investimentos naquilo "que possui a excelência que falta ao ego para torná-lo ideal" (FREUD, 1914/1974, p.18).

Freud destaca como os pais colocam na criança as expectativas dos seus sonhos de realizações, como também, fantasias de onipotência e perfeição. ignorando até mesmo as "aquisições culturais que seu próprio narcisismo foi forçado a respeitar, e a renovar em nome dela as reivindicações aos privilégios de há muito por eles próprios abandonados" (FREUD, 1914/1974, p.108). As realizações individuais, são baseadas no ideal de ego, forjado a partir das identificações parentais que permitiu o surgimento do narcisismo secundário, substituindo o narcisismo primário, onde a criança era o seu próprio ideal.

A partir de então o ego idealizado agora passa a ser objeto dos investimentos libidinais que irão guiar o desenvolvimento e fortalecimento do ego. Ligado à evolução das escolhas objetais e realizações, um outro aspecto da personalidade derivado do narcisismo é a autoestima. O infante (aquele anterior à fala) da primeira infância em frente ao espelho, que acontece geralmente entre os seis e os dezoito meses de vida, sem ter ainda controle da marcha ou de uma postura ereta, com tendência a repetir muitas vezes seus movimentos enquanto observa os desdobramentos produzidos na sua imagem refletida no espelho.

O ato de reconhecimento no espelho tem repercussões para a criança, que podem ser evidenciadas através de inúmeros gestos em que ela experimenta de forma lúdica a relação dos movimentos assumidos pela imagem com seu meio refletido, e desse complexo virtual em conjunto com a realidade que ele reduplica, isto é, com o próprio corpo e pessoas, todos os objetos que estejam em suas imediações. (LACAN, 1949/1998, p.96-7, APUD CESAR,2020 p.43).

O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (2014, p.767). As características típicas do transtorno da personalidade narcisista são autoestima variável e vulnerável, com tentativas de regulação por meio da busca de atenção e aprovação, e grandiosidade declarada ou encoberta. A mãe narcisista é acometida pelo Transtorno de Personalidade Narcisista (TPN). Cataldo Neto define o transtorno da personalidade narcisista como:

Caracterizado por um padrão invasivo de grandiosidade, necessidade de admiração e falta de empatia, que começa na idade adulta e está

presente em uma variedade de contextos. Indivíduos narcisistas são caracterizados por fantasias irreais de sucesso e senso de serem únicos, hipersensibilidade à avaliação de outros, sentimentos de autoridade e esperam tratamento especial. Frequentemente apresentam sentimento de superioridade, exagero de suas capacidades e talentos, necessidade de atenção, arrogância e comportamentos autorreferentes. Exibem exagerada centralização em si mesmos, geralmente acompanhada de adaptação superficialmente eficaz, adaptam-se às exigências morais do ambiente como preço a pagar pela admiração; porém, tem sérias distorções em suas relações internas com outras pessoas (CATALDO NETO et alii, 2003, p. 609).

É possível observar que pessoas com transtorno de personalidade narcisista possuem atitudes e reações esboçadas a partir da imagem (fala) que ele cria de si mesmo. É uma idealização da auto imagem criada por ele, com a finalidade de negar, inconscientemente, uma realidade e assim conseguir se encaixar no seu meio social e o outro dar a ele aquilo que ele deseja. Embora apesar do sentimento grandioso de autovalor, são pessoas que estão insatisfeitas consigo mesmas, possuem baixa autoestima e criam uma falsa imagem de si para suprir essas inseguranças. Por isso a autoestima que o narcisista tenta transmitir pode ser muito facilmente abalada. Caso isso ocorra, rapidamente irão encontrar um meio de se reconstituir, sempre responsabilizando o mundo e os outros por seus eventuais fracassos e decepções.

Xavier (2011) fala que é no narcisismo que reside toda a força do indivíduo, considerando que a possibilidade de reconhecer o outro, como sendo diferente de si, vai depender do grau em que cada um é capaz de tolerar a alteridade, onde o “eu individual” só é permitido mediante a um contato com o outro. A autora ainda acrescenta que eu só existo a partir do outro, dessa visão do outro, que assim permite fazer a compreensão do mundo a partir de um olhar diferente.

Narcisistas são pessoas que não conseguem ter empatia pelo outro e não possuem interesse genuíno pelas outras pessoas, e sim, só se importam com os próprios interesses pessoais. Enxergando todos ao redor como meros objetos a serem manipulados cuidadosamente para que a imagem criada por ele consiga ser mantida.

Os narcisistas podem ser identificados por sua falta das melhores qualidades humanas: ternura, compaixão, solidariedade. Não sentem a tragédia de um mundo ameaçado por um holocausto nuclear, nem a tragédia de uma vida consumida tentando provar seu valor a um mundo indiferente (LOWEN, 1983, p. 10).

4 IDEAL MATERNO

No dicionário da língua portuguesa, a palavra materna está referida como: “Da mãe; próprio da verdadeira mãe; carinhoso; designativo de parentesco do lado da mãe, termo afetuoso; carinhoso” (Bueno, 1986, p.708). O amor materno, durante muito tempo, foi concebido como algo instintivo. Dando a entender que a maternidade é uma característica universal de toda mulher, que a possuem de forma a não ter que aprender fazendo-a parecer com um sentimento inato que vivenciado por todas, independente da cultura ou condição socioeconômica de cada uma.

O conceito de maternidade como destino é essencial à condição feminina e sua realização é um paradigma que teve construção histórica pelas representações culturais dominantes de acordo com o que se esperava do papel feminino. Os significados estruturais dessa construção normatizaram um apelo social vinculado às características femininas remetidas ao cuidado e proteção como sendo inato às mulheres, limitando-as ao exercício da maternidade e não a sua natureza feminina.

A partir do século XVIII a maternidade passou a ser considerada um ideal para as mulheres observando o discurso ideológico da época, conforme Badinter (1985, p. 146) “[...] Sede boas mães, e sereis felizes e respeitadas. Tornai-vos indispensáveis na família, e obtereis o direito de cidadania”. Segundo Badinter (1985), a mãe é responsável pela criação dos filhos e pela harmonia da família, ilustrada por mitos da maternidade, a mesma representa a generosidade única, sendo capaz de fazer todas as concessões em favor dos filhos. Sua feminilidade só será completa pela maternidade e o homem teria que ter tido uma boa mãe para se tornar um homem responsável, apto para sustentar sua família.

O ideal da mãe perfeita é uma construção feita a partir de cada sociedade em geral, como também por cada família, em particular, com influências que podem ser positivas ou negativas para mulher e para a criança e todos do seu convívio familiar. A mãe ideal construída culturalmente é aquela que ama incondicionalmente, até mesmo ao extremo, abrangendo capacidade de renúncia, a favor da preservação e vida dos filhos diante dos perigos.

O amor materno é descrito nas histórias e nos contos e as qualidades da “boa mãe” são exaltadas. E é com base nesse amor materno idealizado pela sociedade que a mãe narcisista na maioria das vezes passa despercebida e os filhos invalidados pela falsa crença de que toda

mãe ama. A figura materna tende a ser vista de maneira idealizada e até mesmo sagrada pela sociedade. Por ser extremamente importante para o desenvolvimento dos filhos, muitos se esquecem que as mães são, antes de tudo, humanas, mulheres que podem cometer erros e apresentar transtornos que afetam o desempenho no papel de mãe.

A chegada de uma criança é um dos momentos mais desafiadores da vida de uma mulher. O momento da gravidez, segundo Dickstein, Maldonado e Nahoum (1985), pode ser considerado uma das etapas do desenvolvimento da mulher de extrema relevância e, por isso, necessita de adaptações e reajustes biológicos, psicológicos e sociais da mesma. Nem sempre as mulheres que deram à luz detinham os cuidados com a prole. Sendo assim pode-se supor que nem sempre elas escolheram essa condição e o fizeram inúmeras vezes pela coerção, pois está no imaginário coletivo que as mulheres são mães instintivamente, sendo-lhes natural e relevante a reprodução, atingindo um mandamento de que ser mãe não é uma opção, mas uma obrigação.

Chodorow (1990) questiona se a maternidade propiciada pelas mulheres é natural. A mulher pode escolher ser mãe porque quer experimentar outras formas de amar e que esse amor não venha ter um peso imposto por outros. Uma vez mãe, a mulher pode ou não amar incondicionalmente seu filho. Antes de ser mãe, a mulher é uma pessoa com desejos e anseios e que devem ser considerados a partir que ela poderá ou não amar o outro. A falta de amor é, portanto, considerada como um crime imperdoável que não pode ser remido por nenhuma virtude. A mãe que experimenta tal sentimento é excluída da humanidade, pois perdeu sua especificidade feminina. Meio monstro, meio criminosa, tal mulher é o que poderíamos chamar de 'erro da natureza'. (OP. CIT.; p. 275, APUD TOURINHO, 2006, p.12-13).

Badinter (2011) afirma que a nossos olhos, toda mulher, ao se tornar mãe, encontra em si mesma todas as respostas à sua nova condição. A autora adverte que o amor materno foi por tanto tempo considerado um instinto feminino é até difícil acreditar que não. Porém, uma mulher pode somente conceber e não necessariamente ama a criança, outros imperativos podem fazê-la cuidar de sua criança. Valores morais e sociais são determinantes sobre o desejo e o dever de ser mãe. Maldonado (1996) Em um de seus escritos, diz que um homem e uma mulher se amam porque o amor deles foi construído.

Culturalmente o que se acredita é que o amor materno é algo que simplesmente acontece de uma forma natural, e que todas as mulheres já nascem com essas características. Sendo que na perspectiva de Badinter (1980 apud PENTEADO, p.32), o amor materno não é

“dado”, mas sim “conquistado” e, acrescentamos, construído. Para a autora, a do amor materno é uma imposição cultural, que modelou o amor materno e pela fantasia que se faz entre a relação mãe e filho, de uma união perfeita, assim protegendo o indivíduo da ansiedade e medos de separação e perda.

A filósofa e historiadora francesa Elisabeth Badinter, autora do livro “Um Amor Conquistado: o mito do amor materno”, 1985, contribuiu para a desconstrução da naturalidade maternal. Segundo a autora, o amor materno não é essencial à condição de ser mulher e depende de outros elementos para o seu desenvolvimento. A maternidade é construída e não um processo natural. Tudo depende da mãe, de sua história e da História. Não, não há uma lei universal nessa matéria, que escape ao determinismo natural. O amor materno não é inerente às mulheres. É “adicional”. (BADINTER, 1985, p.266).

Tornar-se mãe é um processo que tem como origem a infância da mulher. Nesse processo, há um retorno inconsciente às etapas vivenciadas com sua mãe, desabrochando as fantasias e expectativas gratificantes ou frustrantes com relação à gravidez, ao parto, ao receber o bebê e a todo o seu desenvolvimento. De certo modo, um filho, como objeto de devoção e de amor, viria reparar a ferida narcísica dos pais naquilo que não foi possível de se realizar (Coelho & Wollmann, 2017; Escobar, 2012).

Hrdy (2001) afirma que as mães não amam seus filhos instintivamente e nem mesmo possuem um amor incondicional fundamentado numa base biológica. Como afirma Menezes (1998), a maternidade, enquanto uma condição biológica, é natural, visto que é da natureza da mulher uma predisposição orgânica para gerar e gestar um bebê, mas o amor materno está longe de ser uma condição inata. Ao longo dos séculos, criou-se uma imagem da mãe preocupada com o cuidado dos filhos, sacrificando-se por eles. A partir desse momento, a maternidade passa a ter uma nova interpretação sendo considerada uma função nobre.

5 NARCISISMO MATERNO

Todo esse contexto histórico de mãe ideal, faz com que as gestantes sejam alvos de muita atenção e cuidados, pois vivem o momento mais especial da vida de uma mulher. Ao contrário do que se espera de uma mãe, carinho, amor, cuidado com seus filhos, as mães narcisistas caminham no oposto desse sentimento, apresentando uma ausência de ternura, compaixão e empatia. Estão voltadas mais para a satisfação de suas necessidades. Entretanto, ocupar a posição de mãe para a pessoa narcisista os coloca em um lugar de destaque e admiração, onde toda a atenção e cuidado gira em torno dela.

A gestação é um processo libidinal, como é o narcisismo: o corpo da mãe encontra-se investido por uma quantidade de energia impregnada de imagens dos objetos anteriormente investidos pela mãe e agora, com a gestação, essas imagens retornam para seu corpo contendo o feto. São esses objetos intensamente investidos que compõem o ideal parental. (BERLINCK, 2017, p.405). A mãe com personalidade narcísica possui características próprias do distúrbio que por ocupar a posição de mãe e da construção social da maternidade, são ignoradas ou diminuídas muito facilmente. Possui atitudes e reações esboçadas a partir da imagem (fala) que ela cria de si mesmo. A idealização dessa autoimagem tem a finalidade de negar, inconscientemente, uma realidade e, com isso, se encaixar no seu meio social e receber aquilo que deseja.

Narcisistas “estão mais preocupados com o modo como se apresentam do que com o que sentem [...]” (LOWEN, 1983, p. 9). A partir disso, pode-se constatar que: sem a aprovação e admiração de outros, o ego narcisista esvazia-se, pois não está ligado ao amor do self nem é por este alimentado. Por outro lado, a admiração que o narcisista recebe apenas expande seu ego; nada faz pelo self. No final, o narcisista rejeitará os admiradores, tal como rejeitou o verdadeiro self (LOWEN, 1983, p. 38).

Bastos (2020) o foco da mãe narcisista está voltado para a aparência que passa para as outras pessoas, criando uma imagem que cativa os que a rodeiam, em prol de manipular e deturpar a realidade que a convença a todos e que se vitimize em relação aos filhos, com o objetivo de ter apoio no seu papel enquanto mãe, usando os demais contra os filhos.

A mãe narcisista quer ser bem vista pela sociedade e sempre elogiada por ser a mãe exemplar que ela aparenta ser. Na frente das pessoas sempre ocupará a posição da mãe que ama incondicionalmente, porque sabe que é isso que a sociedade espera de uma boa mãe que

ama seus filhos e é dessa forma que ela quer ser vista e reconhecida São mães muito invasivas e que manipulam os outros, sempre justificando e fazendo com que normalizem seu comportamento como sendo os habituais “coisas de mãe”. Negam com facilidade qualquer tipo de transgressão ou erro que venha a cometer, mesmo com uma longa jornada de atitudes abusivas, a mãe narcisista é muito controladora e possui uma dinâmica operacional bastante sutil como forma de realizar e perpetuar os abusos contra os/as filhos/as. Sendo assim, os abusos não são facilmente identificáveis por terceiros, já que, muitas das vezes, só possuem significados em um contexto histórico da relação e não como um ato isolado. (SILVA,2019, p.20).

A maternidade confere às mulheres um papel de domínio sobre outro ser que deve submeter-se emocional e biologicamente às suas necessidades, mesmo se estas forem inapropriadas. Assim, ao tornarem-se mães, muitas delas podem considerar o filho sua única fonte para nutrir-se emocionalmente, e, por conseguinte, acabam descarregando seu anseio de afeto físico no filho. (WELLDON, 1993, APUD MILAGRE,2015, p.88). A mãe narcisista, não expressa um amor real por seus filhos, como destaca Zalcberg (2013 apud SILVA, 2019, p.73) “o investimento desmesurado por parte de uma mãe é sempre acompanhado de uma falta de amor real, pois o que a mãe ama é sua própria imagem idealizada”. Assim sendo, a mãe ama a própria imagem narcísica e não a criança. Essa falta de amor possui consequências para os filhos, que segundo a autora, apresentam sentimento de baixa autoestima e uma alta demanda de reconhecimento.

Dentro da teoria da psicanálise, a formação da autoestima é uma base importante para estruturação do indivíduo e que o papel da mãe é fundamental nesse processo, visto que, a criança acaba aprendendo e internalizando aquilo que observa da sua mãe. É possível compreender essa questão através da teoria do apego que de acordo com Bowlby (1989 apud SOPEZKI; VAZ, 2008, p.271) a teoria define que o modelo de relações primárias com os cuidadores influencia na cognição, no emocional e nas experiências comportamentais na vida do indivíduo. E Rosenberg (1973 apud SOPEZKI; VAZ, 2008, p.271) afirma que o indivíduo internaliza as ideias e atitudes expressas por figuras-chave de sua vida e pela cultura, passo importante para se apreender as bases da formação da autoestima. O autor ressalta que a criança pequena não pode penetrar diretamente em sua própria experiência, pois primeiro percebe a forma como as pessoas reagem a ela, experimenta os próprios sentimentos e reações, para então aprender a pensar em si mesma.

Ramalho (2001) destaca que a imagem conferida pela mãe é adquirida a partir do olhar, do seu desejo, enquanto encarnação do outro primordial, tomado como espelho. Assim, nunca é com seus próprios olhos que a criança se vê, mas sempre com os olhos do outro. Esse olhar acaba sendo prejudicado, quando se trata de progenitoras narcisistas: Partindo das ideias desses autores, a criança que possui uma genitora narcisista acaba internalizando aquilo que a mãe expressa, sendo que no caso das narcisistas elas não se importam com os filhos e são amargas, frias e inacessíveis.

Ao crescer com uma progenitora que não proporciona segurança para que este expresse os seus sentimentos e opiniões, o sujeito poderá desenvolver uma baixa autoestima, desvalorizando os seus sentimentos em prol dos sentimentos e opiniões do outro; neste caso, o sentimento de agradar a progenitora independentemente dos abusos que receba. Por outro lado, que pode ser usado estrategicamente pelo filho para evitar os confrontos com o progenitor, num instinto de reduzir o nível de conflito, gerindo assim a sua própria ansiedade (Dutton, Denny-Keys, & Sells, 2011; Rappoport, 2005).

Os filhos de mães narcisistas costumam receber rótulos que são impostos pela mãe acaba e isso acaba sendo um abuso emocional que segundo Silva (2019) causa a construção de uma personalidade totalmente dependente dos desejos e das expectativas maternas dela. Como consequência, a vida adulta desse filho muito provavelmente terá perturbações para enfrentar seus desejos reais e intrínsecos com os desejos que foram implantados pela mãe. A autora ressalta que esse enfrentamento além de causar desajustes, pode trazer uma crise de identidade, na qual nem todos os filhos conseguem se reconstruir, ter sua própria identidade. Sendo assim permanecem presos a essa mãe, em razão do desamor e rejeição, levando uma vida com insegurança, ansiedade, depressão, etc. (SILVA, 2019).

Ao assumir o papel pré-determinado pela mãe, a criança recebe amor ao mesmo tempo em que recebe desamor. Na fase adulta, a ideia de confrontar essa realidade e deixar de fazer parte da trama do narcisista é aterrorizante, pois o libertar-se dos rótulos e das expectativas maternas implica no receio de deixar de receber o amor materno que, embora pouco, é tudo o que conhece dentro do relacionamento materno-filial. (SILVA, 2019, p.23/24)

A distinção de filhos também é citada por Silva (2019) que relata que ao se trata do gênero feminino, as mães costumam apresentar uma inveja acompanhada de muita raiva. Diz ainda que a relação com a filha é de disputa por atenção. Sempre procurando se destacar mais que a filha. A mãe narcisista entra em competição com a filha principalmente em relação à

aparência física, na aquisição de objetos e até em relação à conquista do círculo social da filha, incluindo amigos e até namorados. Esse comportamento torna-se mais evidente na adolescência, quando a filha entra no processo de início da vida adulta a relação torna-se mais abusiva. Na tentativa constante de minar o desenvolvimento da filha, para que esta não cresça e não crie uma identidade independente. (SILVA, 2019, p.22). Lima (2010) relata que essa diferenciação entre os filhos pode estar relacionada com o fato de que cada filho pode representar algo que essa mãe negue em si mesma.

Segundo Costa e Bonelli (2020) o genitor narcisista escolhe um dos seus filhos para ser seu reflexo absoluto, concedendo-o privilégios sempre que este acate a tudo o que ela almeja e tem por eleger um filho como o bode expiatório que sofrerá a parentetização, sofrendo punições sempre que qualquer tentativa de exercício de autonomia deste filho for frustrada. Na adolescência, o/a filho/a já tem condições de se perceber e o desejo por autonomia e independência típico dessa fase do desenvolvimento torna-se fonte de conflitos.

A mãe narcisista encara a resistência adolescente como um questionamento da sua própria autoridade e, então, muitas vezes, utiliza-se de uma metodologia punitiva para repreender e evitar a independência e a autonomia, fazendo com que o/a filho/a sempre esteja em posição dependente e inferiorizada. Outra forma utilizada para controlar a resistência são a manipulação e os jogos de culpa, de forma que o/a filho/a desiste de lutar pela independência, porque sente-se um algoz se o fizer. (SILVA, 2019, p.21). Com isso, gera o abandono afetivo, o que irá causar a destruição na relação familiar, criando uma disputa entre irmãos e a rejeição entre o filho e no caso de haver, o outro genitor (pai), além de estimular sentimentos negativos de seus filhos, nisso, ela irá conseguir dominá-los e constrange-los.

Basto (2020) destacou que as mães narcisistas sempre irão favorecer mais um filho do que outro e através desse favorecimento acabam manipulando o filho que considera favorito, influenciando para que este, também acaba, desmerecendo o irmão (a) que não corresponde às suas expectativas. Sendo assim, o filho (que geralmente é a filha) menos favorecido acaba sendo humilhado também pelos irmãos. Geralmente também é quem vai ser responsabilizado por tudo de errado que vier a acontecer dentro do contexto familiar. Uma espécie de bode expiatório, onde a mãe narcisista deposita todas as frustrações, insatisfações projetando nesse filho todos os problemas.

Segundo Pereira (1991, apud PENNA; GUIDUGLI, 2005, p. 1) “ o complexo de bode expiatório está associado ao mecanismo de negação da sombra, já que o bode expiatório

recebe a projeção da sombra e se identifica com características que o outro não aceita em si mesmo, por não estar em acordo com o ego ideal.” Conviver com uma mãe narcisista traz danos para os filhos que com ela convivem. Porém é importante destacar que as filhas mulheres geralmente sofrerão os maiores danos.

De acordo com Eliacheff; Heinich(2004, apud SCHECHTER, 2014) essa dependência da criação em relação a mãe não apresenta a mesmas consequências para cada um dos sexos, visto que para o menino a mãe é outra e para a menina a mãe é sua semelhante. Isso seria pelo fato de que mãe e filha possuem o mesmo sexo. E a mãe, por vez, projeta mais suas aspirações e frustrações nas filhas do que nos filhos. Essa especificidade da semelhança sexual favorece que a mãe coloque a filha em continuidade com ela própria, transformando-a em bengala narcísica ou identitária. (ALONSO, 2008, apud SCHECHTER, 2014 p.71).

Em desfavor da filha, a mãe narcisista costuma fazer campanha de difamação, na tentativa de fazer com que a filha não ocupe um lugar melhor que ela acredita ter. Com isso, os laços afetivos e sociais tendem a se desfazerem e um relacionamento amoroso se torna quase impossível de dar certo, pois a mãe que não ama, faz com que todos ao redor dessa filha também passe a odiá-la. Em relação ao ódio materno Lima (2010) ressalta que o narcisismo deve ser analisado como um conflito intrapsíquico, por ter um caráter contraditório, pois apesar de ser definido como o amor que o ego dedica a si mesmo, o narcisismo remete ao investimento do outro, assim sendo, pode ocorrer de forma precária e traumática. Baseando-se na asseveração freudiana de que o amor dos pais pelos filhos reaviva seu próprio narcisismo infantil, pode-se pensar que o ódio materno seja uma vivência mais próxima da relação da mãe com a sua mãe. (LIMA,2010).

As mães narcisistas nunca serão mães ideal, pois se acham importantes demais e dignas de ocuparem lugar de destaque e admiração, nunca assumem erros ou são condizentes com a verdade. As mães narcisistas não expressam um amor real por seus filhos, como destaca Zalcberg (2013 apud SILVA, 2019, p.73) “o investimento desmesurado por parte de uma mãe é sempre acompanhado de uma falta de amor real, pois o que a mãe ama é sua própria imagem idealizada”. Sendo assim, ela ama a própria imagem narcísica e não ao filho. Essa falta de amor possui consequências para os filhos, que segunda autora, apresentam sentimento de baixa autoestima e uma alta demanda de reconhecimento. Vale destacar que dentro da teoria da psicanálise a mãe tem um papel fundamental na formação da autoestima e

estruturação do indivíduo, considerando que, a criança acaba aprendendo e internalizando aquilo que observa da sua mãe.

É possível ainda compreender essa questão através da teoria do apego que de acordo com Bowlby (1989 apud SOPEZKI; VAZ, 2008, p.271) define que o modelo de relações primárias com os cuidadores influencia na cognição, no emocional e nas experiências comportamentais na vida do indivíduo. Rosenberg (1973 apud SOPEZKI; VAZ, 2008, p.271) também afirma que o indivíduo vai internalizar ideias e atitudes expressadas por figuras-chaves de sua vida e pela cultura, um passo marcante para se apreender as bases da formação da autoestima. Ressaltando que a criança não pode entrar diretamente na própria experiência, antes de perceber a forma como as pessoas costumam reagir a ela, experimenta os próprios sentimentos e reações, para só depois aprender a pensar em si mesma. Ramalho (2001) diz que a imagem conferida pela mãe é adquirida a partir do olhar, do seu desejo, enquanto encarnação do outro primordial, tomado como espelho. Sendo assim, a criança nunca se vê com seus próprios olhos, mas com os olhos do outro.

Assim, esse olhar acaba prejudicado, quando essa convive com uma mãe narcisista. Partindo das ideias desses autores, a criança que possui uma genitora narcisista irá internalizar aquilo que é expressado por sua genitora e que nos casos de mães narcisistas elas não se importam com os filhos e são mulheres frias, amargas e de difícil acesso.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer dessa pesquisa examinamos que o amor materno foi associado a uma série de sentimentos fixados na questão de um amor incondicional, abençoado e divino o qual todas as mulheres possuem quando se tornam mães. Entretanto, apesar desta imposição histórica, salientamos que o amor materno não é uma condição inata a todas as mulheres, vai muito além de gerar um filho.

Compreendendo que não existe um padrão universal de conduta de uma mãe, pois existem variáveis como a cultura, a disposição dessas mulheres, as frustrações, desejos e expectativas e até mesmo o modo que essa mulher foi criada, influencia no tipo de mãe que ela será, sendo assim, o amor materno é uma construção e não uma condição. Para a compreensão do que seria uma mãe narcisista, inicialmente foi preciso ter ciência sobre a fundamentação teórica do narcisismo, baseada nos princípios de autores da psicanálise, com o objetivo de compreender o conceito de narcisismo.

Na visão freudiana o narcisismo é uma fase intermediária entre as pulsões autoeróticas e o amor de objeto, e que nesse novo acontecimento psíquico acontece a formação do eu. Com base nas teorias apresentadas, podemos considerar que quando a libido perde o seu ponto de equilíbrio e retrocede para a libido do Eu, ocorre o transtorno narcísico, e como descreveu Winnicott, o sujeito volta para o estado de onipotência e conseqüentemente acaba enfrentando dificuldades em lidar com suas próprias emoções, não consegue adquirir empatia, pois tem um egocentrismo muito forte, onde a valorização está apenas em si mesmo. Ficou evidenciado que no transtorno narcisista tudo gira em torno do Eu do sujeito, o que o deixa com uma autoestima elevada, não consegue lidar com as derrotas e frustrações, o outro sempre é inferior a ele o que o torna dominador e manipulador.

A partir dessas considerações abordamos o narcisismo materno evidenciando como o transtorno ocorre a partir das bases teóricas dos autores, Compreendemos que é uma linha tênue que faz com que a mãe não consiga amar o seu filho por aquilo que ele é, mas por acreditar que o filho é um meio para que ela consiga realizar suas necessidades, vontades, sonhos e expectativas.

Com base nas considerações apresentadas, as mães narcisistas acabam sendo controladoras, invasivas, incapaz de ter empatia com os sentimentos e necessidades dos filhos, além de sempre se colocarem como vítimas, através da imagem de uma boa mãe que

faz de tudo pelo bem dos filhos. E assim, o filho é destituído da sua própria singularidade e a personalidade dele acaba sendo voltada para os desejos da progenitora.

Diante do exposto, evidenciamos as consequências psicológicas e emocionais dos filhos sobre a tutela de uma mãe narcisista e o quanto sair dessa relação pode gerar angústia e sofrimento. Ficou claro que tanto os filhos como as filhas sofrem os ataques das mães, ocorrendo para as mulheres um agravamento dos fatores pois a mãe acaba tendo uma identificação de corpos o que gera uma disputa e inveja da filha.

Com irmãos pode gerar uma criação de rótulos, nos quais, a progenitora nomeia o filho que é amado, o filho mimado, o filho problema, além de causar conflito entre os irmãos já que a mesma procura criar uma rivalidade. Esses rótulos são representações de uma realidade que ela mesmo criou, e os filhos vivem de acordo com essas denominações, com a ilusão de serem aceitos e amados. Todo esse processo gera uma crise de identidade, visto que quando buscam a independência dessa mãe, significa deixar de serem amados por ela, gerando assim mais sofrimento e angústia. Essa angústia também se relaciona com a dificuldade dos filhos de expressarem o que sentem pelas progenitoras, o que Lacan descreveu como a falta de significantes para a nomeação da angústia. São vários problemas relacionados a essa má interação entre mães e filhos: a privação afetiva, a negligência por parte da mãe que pode causar problemas no desenvolvimento da autoestima, o que causa uma busca constante por atenção e o afeto, além de outras possíveis consequências mais graves.

Por fim, o tema do narcisismo materno deve ser mais amplamente discutido e pesquisado no meio acadêmico, pois existem poucos artigos que abordam diretamente esse tema. Seria interessante seguir uma pesquisa mais aprofundada sobre o conceito de narcisismo que é muito mais amplo e vai além da diferenciação entre narcisismo primário e narcisismo secundário. Abordar as questões de Freud como as fases do desenvolvimento psicosssexual do ser humano e a compreensão do complexo de Édipo e realizar um contraponto das teorias de Lacan em volta do estágio do espelho e de Winnicott abordando as questões do materno, a mãe suficientemente boa e o holding.

REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. Porto Alegre: Artmed, 2014.

American Psychiatric Association. (2013). **Diagnostic and statistical manual of mental disorders (5th ed.)**. Washington, DC: American Psychiatric Pub.

ASSOCIATION, American Psychiatric. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: Dsm – V. 5 ed.** Brasil - Porto Alegre: Artmed, 2014, p. 669-670.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Editora Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1985.

BADINTER, E.. **O conflito: a mulher e a mãe**. Rio de Janeiro: Record, 2011 CAMPOS, M.; CABRAL, aç A. **Narcisismo: Negão do Self**. ed. Summus Editorial. São Paulo: 2017.

BASTOS, J. Desamparo: **Mãe Narcisista e os Danos Causados ao Filho**. Faculdade de Belas Artes da Universidade de Porto.

BOWLBY, J. **Apego: a natureza do vínculo. Vol. 1 da trilogia Apego e Perda**. São Paulo: Martins Fontes 1969/1990.

Coelho, D. C.; Wollmann, A. (2017). **A maternidade como saída edípica: Considerações sobre a feminilidade**. Caderno da Escola de Saúde, 17(1), 10-24

COSTA, T. V; BONELLI, R. S. **A jurisdição do afeto na família narcisista sob a perspectiva do Direito brasileiro**. Instituto Brasileiro de Direito da família.

CHODOROW, N. **Psicanálise da Maternidade: uma crítica a Freud a partir da mulher**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos Ltda, 1990.

CUKIERT, M. ; PRISZKULNIK, L. **Considerações sobre eu e o corpo em Lacan**. Estudos de Psicologia v.1, n.7, pp.143-149, São Paulo, 2002.

DIAS, M. P.; BASSEGIO, D. B. **A importância do afeto na relação mãe-bebê e suas implicações no adoecimento psíquico: Um estudo de caso sobre o filme “ Precisamos**

falar sobre Kevin”. VII Mostra de iniciação científica e extensão comunitária. IMED, Passo Fundo, 2013.

Dutton, Donald G, Denny-Keys, Matthew K, & Sells, Joanna R. (2011). **Parental personality disorder and its effects on children: A review of current literature**. Journal of Child Custody, 8(4), 268-283.

ENGELKE, M. **Filhas de mães narcisistas**. 2017.

Ferrari, A. G.; Piccinini, C. A.; Lopes, R. S. (2007). **O bebê imaginado na gestação: Aspectos teóricos e empíricos**. Psicologia em Estudo, 12(2), 305-313.

Fleck, A.; Piccinini, C. A. (2013). **O bebê imaginário e o bebê real no contexto da prematuridade: Do nascimento ao 3º mês após a alta**. Aletheia, 40, 14-30.

FREUD, S. (1914) **Sobre o narcisismo: Uma Introdução**. In: **Obras completas**. V.14 GIL, A. C. et al. Como elaborar projetos de pesquisa. São Paulo: Atlas, 2002.

FREUD, S. **Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos**. Tradução Paulo César de Souza. São Paulo: Schwarcz, 2010.

FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**. In: **Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. 2.ed. Rio de Janeiro, Imago, 1900.

GOFFMAN, E. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. 4. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1988.

GUTMAN, L. **O poder do discurso materno: Introdução à metodologia desconstrução da biografia humana**. Editora Agora, 2013.

LIMA, A. M. **Do pulso que ainda pulsa a mãe que não consegue amar a filha: um ensaio sobre o ódio materno**. Dissertação (mestrado) Instituto de psicologia da Universidade de Brasília- Pós-Graduação em psicologia clínica e cultura, Brasília, 2010.

LIMA, T. M. Apud DILL, M. A.; CALDERAN, T. B. **Os deveres intrínsecos ao poder familiar e a responsabilidade dos pais pelo descumprimento**. Âmbito Jurídico. 2010.

LOWEN, A. **Narcisismo: negação do verdadeiro self (1983)**. 2.ed.; Brasil – São Paulo: Cultrix, 1993.

- MENEZES, I. (1998). **Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social.** (Tese de doutoramento), Universidade do Porto.
- MALDONADO, M. T; DICKSTEIN, J.; NAHOUN, J.C. **Nós estamos grávidos.** São Paulo: Saraiva, 1996.
- MARTINS, A. **Uma violência silenciosa: considerações sobre a perversão narcísica.** Cadernos de Psicanálise - Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro (CPRJ). Rio de Janeiro, v. 31, n. 22, p. 37-56, jan./dez.
- PEREIRA, A. S. et al. **Metodologia da pesquisa científica.** 2018.
- PROCHNOW, L. P.; LOPES, R. C. S. **A relação da mãe em situação de depressão com suas figuras femininas de apoio.** Psico v. 38, n. 3, p. 285-291, 2007.
- REIS, M. N. **Automutilação: o encontro entre o real do sofrimento e o sofrimento real.** Revista eletrônica da Uerj, v.18, n.1 p.50-67, jan/mar, Rio de Janeiro,2018.
- RESENDE, D. K. **MATERNIDADE: UMA CONSTRUÇÃO HISTÓRICA E SOCIAL.** Pretextos – Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas, v. 2, n.4, 2017.
- SILVA,S.(2003). **O cristão e o narcisismo: “espelho, espelho meu: há alguém mais belo do que eu?”.** Revista Teologia Hoje, volume 1, nº 1, artigo 3 (Dutton,Denny-Keys, & Sells, 2011; Rappoport, 2005). (CATALDO NETO et alii, 2003, p.609).
- SILVA, R. A. **Mães Narcisistas Patológicas à Luz dos Direitos das Crianças e dos Adolescentes.** Trabalho de Conclusão de Curso - Universidade Federal do Paraíba, João Pessoa, 2019.
- TOURINHO, J. G. **A mãe perfeita: idealização e realidade – Algumas reflexões sobre a maternidade.** IGT- Instituto de Gestalt- Terapia e Atendimento Familiar. v. 3 n. 5, Rio de Janeiro, 2006.
- ULLRICH, A. ; ROCHA, G. A. **A era do narcisismo: condutas narcísicas na sociedade contemporânea.** Cadernos da Fucamp, v.18, n.36, p.35-50, Botucatu,2019
- WINNICOTT, D. W. (1956). **Preocupação materna primária.** Em D. W. Winnicott (Org.). Textos selecionados: da pediatria à psicanálise. Rio de Janeiro: F. Alves.
- WINNICOTT, D. W. **O brincar e a realidade.** Rio de Janeiro: Imago rditora LTDA, 1975.

WINNICOTT, D. (1977) apud FERNANDES, Cid Merlino. **Vergonha: A revelação da catástrofe narcísica – para uma compreensão da clínica contemporânea.** Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Capítulo 6. Rio de Janeiro, 2006.

ZANARDO G.L.P, URIBES M.C, NADAL A.H.R, HABIGZAG L.F. **Violência obstétrica no Brasil.** Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre/RS, Brasil, 2017.